

Isabel, **logo se vê**

Quando nos lembramos de muitas coisas sobre alguém, *logo se vê*, parece um adiamento, a espera pelo resultado de um encontro que nos faça entrever o amanhã de um dia futuro, um afecto talvez. E então o que diz a exposição sobre isso? Talvez não diga muito, mas o texto está ali para a completar, porque *toda a pintura é feita de nomes: os nomes das cores e das formas e o nome próprio, um destino*. O texto, anunciando uma escritora encoberta, diz o que talvez não esteja por completo nos quadros e «quadrinhos». E a pintura acontece, com o seu relevo prévio, e fracturas e riscos incisivos que falam de hoje a lembram Foscoa, isto é, a distância entre a consciência vibrante e a quase impossibilidade das Aulas de Desenho que os homínidos trocavam entre si, aprendendo uns com os outros, a propiciar futuros graus de civilização e de sobrevivência, desde o ataque que armadilha o animal até ao pastoreio – que é afinal outra forma de armadilhar.

Desenhar, escrever, representar a comunidade – *logo se vê* – o que importa é saber donde vem essa vontade depois da agricultura e das tecnologias urbanas da alimentação. Porque nessa altura o léxico cultural já tem peso, relacionando as peles e os primeiros tecidos, os vegetais estalando entre os dentes. Na mornidão da terra, num pequeno promontório de areia dura, um jovem dessas épocas pode estar perplexo, segurando uma haste aguda, de madeira dura, com a qual bate ligeiramente no chão – *esperando a forma do desejo, não a continuação das figuras já aprendidas*. Tudo se parece com tudo: «*pois, eu também, lá me acontece isto ou aquilo, não gosto mas, enfim, às vezes sai-me. E pode ser assim— terra riscada. Pois, parece outra coisa. Esquece. O que é que estás a ver? Olha para mim, não me ligas nenhuma.*» A pessoa convocada no texto tem a ver com tudo o que acontece (e não acontece) na exposição. Não é por acaso, entre semelhanças, que *a pessoa* não se comporta como um operário da pintura, refém desta e da oficina. É alguém que um dia risca e percebe que, nesse dia, vai riscar mais, fazendo história. Todos sabemos, contudo, que as borboletas não são eternas e a sua leveza não é difícil: a sorte delas é não terem a consciência dos *replicantes*, de «*Blade Runner*», esses seres bio-cibernéticos que acabam por poder aceder ao amor, o que é uma de complexidade aterradora, pois só estão programados para quatro anos. Como a bela borboleta, que chega a sobreviver, em plenitude, muito menos de um dia. Ou ainda como nós, replicantes cósmicos, milionésimos de segundo à procura da dilatação da vida ou transmitindo pelos meios de comunicação artística, tragicamente, como procurar lutar contra o efémero e coisificar a perenidade.

Esta condição humana pode, assim, deixar-se tomar por um «um desconforto estranho, difícil de nomear», tanto como a vida que

enchemos de grandezas para encobrir-nos a morte. Mas todos sabemos quanto esse estado de desconforto tanto pode persistir como passar.

Nos quadros *branco sujo* ou *cartas brancas*, entre outros de formação expressiva semelhante, a linha e as ranhuras divagam sobre «história» dos comportamentos, sentimentos de amor, paisagens, borboletas, cavaleiros, senhoras da corte, veleiros, conchas de máquinas agrícolas, lobos, juncos – ou as tais cartas onde tudo aquilo se fecha em ilhas flutuando pálidas e aquáticas, plantas, engenhos, sombras do fundo. Assim o horizonte do mundo se povoa de memórias, histórias, mas na transposição de uma primeira pasta de relevo, de riscos quando endurece, de molduras que implicam o lado sacro dos livros medievais, das grandes folhas ilustradas ou, mais além, das litografias que experimentavam apurar o gravar uma virtualidade, por pressão, em leves e guardáveis rectângulos de papel meio estaladiço.

Talvez tudo isto, que pode propor análises caligráficas demoradas, conventuais, seja anterior aos quadros onde a cor floresce de forma surpreendente, seguindo, por cima de marcações incisivas, o mesmo método de usar o espaço, plantas, texturas, cores cuja disciplina de contorno é propositadamente pobre a fim de ganhar a expressividade *outra*, a que nos parece mais antiga do que moderna, mesmo no *coleccionismo* dos quadrados cuja leitura, pelas horizontais e pelas verticais só nos acrescenta o sentido de abertura enquanto observadores e participantes de um acto criador aberto no espaço, obra que é, por excelência, aberta.

E há em tudo a memória de uma oficina antiga, cuja raiz está para lá da Idade Média ou mesmo mais longe, o homem ali não aparece enquanto modernista, nem mesmo como pós-moderno, talvez vagamente pré-moderno. É uma arte que nasce em plena necessidade de restauro, nasce logo antiga, admirável de não parecer convocada pelos nomes da nossa essência contemporânea. Apetece-nos guardá-la, escondê-la, reinventar os seus truques técnicos e plásticos. Esta velhice inicial, excepcional como as paredes dos casas onde moravam os povos ocupados pelos romanos, reflecte, enfim, uma espécie de virose que nos ocupa as mãos de ansiedade. Persiste. Pode ser que passe. Logo se vê.

*Ensaio dislexo, neurótico e absurdamente nostálgico sobre
A última Pintura de Isabel Sabino, «Logo se vê»*

Rocha de Sousa